

Entre a dor e o amor: reflexões acerca do cuidado familiar de PcD

Stela Cristina de Godoi¹

Adrielle Fabiana dos Santos²

Carine Coelho Brandão³

Beatriz Ferreira da Silva⁴

RESUMO

Neste trabalho analisaremos a centralidade dos elementos emocionais do *care*, em específico nas atividades de cuidado familiar desempenhada majoritariamente pelas mulheres responsáveis pelas Pessoas com Deficiência (PcD). A análise e discussão da problemática do cuidado baseia-se da escuta participativa junto ao grupo de PcD do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do Jardim Amanda no município de Hortolândia, Região Metropolitana de Campinas (RMC). O trabalho de campo foi realizado entre os meses de abril e junho de 2022 pela coordenadora e uma equipe de estudantes do Projeto Articuladas, um projeto de extensão da PUC Campinas.

Palavras-chave: Cuidado. PcD. Família. Mulheres. Extensão

Between pain and love: reflections on family care for PcD

ABSTRACT

In this work, we will analyze the centrality of the emotional elements of care, specifically in family care activities performed mostly by women responsible for People with Disabilities (PcD). The analysis and discussion of the problem of care is based on participatory listening with the PcD group of the Social Assistance Reference Center (CRAS) in Jardim Amanda in the municipality of Hortolândia, Metropolitan Region of Campinas (RMC). Fieldwork was carried out between April and June 2022 by the coordinator and a team of students from Projeto Articuladas, an extension project at PUC Campinas.

Keywords: Care. PcD. Family. Women. Extension.

¹Doutora em Sociologia, professora da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) e coordenadora do Projeto Articuladas da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEXT) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). E-mail: stela.godoi@puc-campinas.edu.br.

²Graduanda da faculdade de Ciências Sociais, bolsista de Iniciação Científica pela CNPq no grupo de pesquisa Formação e Trabalho Docente, voluntária do Projeto Articuladas da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEXT) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). E-mail: adriele.fs@puccampinas.edu.br.

³Graduanda da Faculdade de Psicologia e aluna voluntária do Projeto Articuladas da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEXT) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). E-mail: carine.cb@puccampinas.edu.br.

⁴Graduanda da faculdade de Ciências Sociais e bolsista do Projeto Articuladas da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEXT) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). E-mail: beatriz.fs7@puccampinas.edu.br.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em o que é trabalho, na grande maioria das vezes, a imagem que nos vem à mente é a de uma atividade profissional remunerada, dentro de uma relação entre empregador e empregado, envolvendo uma jornada semanal de trabalho e rotinas bem definidas. Mas será que essa caracterização dá conta de todas as atividades laborativas que realizamos? Por trás de todas as atividades laborais, formais ou informais, que fazemos para gerar renda, estão escondidas as atividades de cuidado direto e indireto das pessoas e da casa, necessárias para a renovação da vida, dia após dia. Assim, o trabalho doméstico e de cuidado profissional estão interligados, assim, é necessário discutir acerca de suas condições básicas.

Segundo o relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), no mundo, é crescente o número de pessoas que realizam o cuidado de forma remunerada, sendo em sua maioria, as mulheres, tal como ocorre com o trabalho de cuidado familiar. O envelhecimento da população, o crescente posicionamento da mulher no mercado de trabalho e o encolhimento do estado de bem-estar social vêm sendo apontado como aceleradores de uma “crise do cuidado”, onde faltarão cuidadores e a cautela com o próximo se tornará um bem mercantilizado para quem pode pagar e escasso para quem não pode (HIRATA; KERGOAT, 2007; QUEIROZ, 2021).

Pensando na chamada “crise do cuidado”, foi criado o Projeto Articuladas, o qual tem como objetivo refletir sobre a centralidade do trabalho de cuidado direto e indireto com as pessoas ao longo de todo o ciclo de vida dos indivíduos. Mediante ações comunitárias de caráter extensionista com grupos marcados por um maior risco à vulnerabilidade social, buscamos promover espaços para escutar relatos de pessoas, majoritariamente de mulheres, que cuidam de pessoas com deficiência (PcD) e fomentar a corresponsabilidade de outros atores sociais - como os governos, as organizações da sociedade civil e as empresas – com as demandas do cuidado que ajudem a reduzir a carga que recai sobre elas, sobretudo as mais pobres.

Neste relato de experiência extensionista, vamos refletir sobre a realidade de mães e avós responsáveis pelo cuidado de PcD, buscando compreender os elementos emocionais pendulares desse trabalho. É possível perceber que tal profissão se caracteriza por ser sofrida e desamparada, além de possuir as redes de proteção social mais frágeis.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Do ponto de vista teórico, este Projeto de Extensão se insere na problemática do cuidado e longevidade. Apesar da polissemia em torno da definição do termo “cuidado” (*care*) e dos diferentes

contextos social, econômico, político e cultural nos quais as situações desse acontecem, há um denominador comum:

Cuidado, solicitude, atenção ao outro, todas essas palavras ou expressões são traduções aproximadas do termo inglês *care*. O *care* é dificilmente traduzível porque polissêmico. Cuidar do outro, preocupar-se, estar atento às suas necessidades, todos esses diferentes significados, relacionados tanto à atitude quanto à ação, estão presentes na definição do *care*. Este, ademais, pode ser considerado simultaneamente enquanto prática e enquanto atitude, ou disposição moral. (...) Quanto às similitudes relacionadas com a condição humana, que é única, é necessário sublinhar a (...) de que somos todos vulneráveis e necessitamos de cuidado, em algum momento de nossas vidas, e somos, portanto, e ao mesmo tempo, provedores e beneficiários de *care*, ao longo das histórias de nossas vidas. (HIRATA, GUIMARÃES, 2012, p. 1-2).

A denominação atribuída pela ONU Mulheres e pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) para as atividades de cuidado, em documento recente publicado no contexto da pandemia da COVID-19 pode ser considerada uma versão interessante e suficientemente abrangente do fenômeno. Também pode subsidiar a reflexão acerca da expansão do trabalho de cuidado (*care work*) na atualidade, bem como da iminente “crise do cuidado”:

De que estamos falando quando falamos de cuidados? Os cuidados são as atividades que regeneram, diariamente e por gerações, o bem-estar físico e emocional das pessoas. Inclui as tarefas cotidianas de gestão e sustentabilidade da vida, como a manutenção dos espaços e bens domésticos, o cuidado dos corpos, a educação e formação das pessoas, a manutenção das relações sociais ou o apoio psicológico aos membros da família. Portanto, se refere a um amplo conjunto de aspectos que englobam os cuidados na saúde, o cuidado dos lares, o cuidado a pessoas dependentes e a pessoas que cuidam ou o autocuidado. (ONU MULHERES; CEPAL, 2020, p. 1).

Embora a pandemia tenha sido uma vitrine global importante para o reconhecimento do caráter eminentemente do cuidado, desde o século passado estudiosas como Helena Hirata e Daniele Kergoat discutem a questão, incluindo-a no debate teórico acerca da divisão sexual do trabalho, seja remunerado ou não. Isso, tendo em vista que o risco sanitário tornou evidente o papel dos sistemas públicos e privados de cuidado direto e indireto com as pessoas.

Por sua vez, a contribuição econômica e social do trabalho de cuidado não remunerado, em sua maioria realizado pelas mulheres no âmbito das famílias, começou a ser mensurado apenas no início deste século, por meio de apurações de uso do tempo. Na América Latina e no Caribe, vários países passaram a incluir perguntas em suas pesquisas nacionais com a intenção de determinar o uso do tempo dedicado, por homens e mulheres, nas atividades domésticas e de cuidado.

No que diz respeito ao cuidado das PCD, as mulheres se vêm ainda mais sobre carregadas. Isso se dá por serem atividades de longa duração constituída por inúmeros traumas pessoais e estigmas sociais. Assim, mais do que em outros contextos, na maternidade atípica o cuidado é carregado por

forte carga emocional, seja pela dor ou pelo amor, exigindo muita resiliência de ambos os lados. O exercício de cuidar requer uma interação entre cuidador e beneficiário do cuidado e, na maioria das vezes, “essa interação se produz em meio a desigualdades de gênero, idade, raça e classe social, e se traduz em relações assimétricas de poder” (HIRATA, GUIMARÃES, 2013, p. 05).

3 METODOLOGIA

Existem diversos modelos de extensão universitária, uma vez que, ao longo de sua história, as comunidades acadêmicas desenvolveram várias formas de interação social. Essas possuem o objetivo de assegurar a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. De acordo com Moacir Gadotti (2017), a extensão universitária, enquanto um compromisso indissociável com o ensino e a pesquisa, foi constituída no Brasil somente na década de 1960, limitando-se, por conta do contexto político vivido no país, a uma concepção assistencialista e literalmente extensionista, isto é, estendendo o conhecimento da universidade à sociedade civil, como se esta fosse a "sede do saber", e aquela, "a sede da ignorância".

Somente entre as décadas de 1970 e 1980, sob efeito dos movimentos populares e da redemocratização do país, a extensão universitária passou a ser compreendida como um instrumento de mudança social, uma via de mão-dupla entre o conhecimento universitário e acadêmico e o conhecimento popular. Nas palavras de Santos Junior 2013 *apud* Gadotti (2017),

‘Mão dupla’, significa troca de saberes acadêmico e popular que tem por consequência não só a democratização do conhecimento acadêmico, mas, igualmente, uma produção científica, tecnológica e cultural enraizada na realidade. A extensão deve influenciar o ensino e a pesquisa e não ficar isolada deles, da universidade como um todo e dos anseios da sociedade, ‘entrelaçando’ saberes e conhecimentos (SANTOS JÚNIOR, 2013 *apud* GADOTTI, 2017, p. 02)

E é justamente nesse sentido que nos atentamos às proposições freirianas acerca da compreensão da extensão universitária enquanto *comunicação*, uma vez que, a partir do *diálogo*, encontramos condições de construção de uma busca recíproca do saber entre essas instituições, superando a lógica meramente extensionista, impositiva e elitista do conhecimento (cf. FREIRE, 1983).

Assim, denominamos *escuta participativa* o conjunto de ferramentas comunicativas-problematizadoras que permite um encontro entre saberes acadêmicos e populares, por meio da:

- a) Enunciação de mundo pelas próprias participantes da dinâmica;
- b) Sua reflexão dialógica em grupo com o auxílio das facilitadoras do debate;
- c) A reconstrução do mundo a partir das alteridades percebidas e dos conteúdos introduzidos pela coordenação.

Neste relato de experiência extensionista, debruçamo-nos sobre duas ações nas quais lançamos mão de técnicas diferentes e complementares de interação comunitária.

- a) Na primeira⁵, uma reconstrução de memória coletiva do cuidado de PCD baseada na socialização das experiências pessoais do grupo. A dinâmica se iniciou com a apresentação pessoal de cada uma, usando a “técnica do barbante”. Cada participante cortou um pedaço de barbante no tamanho que desejou. Depois que todas tiveram o fio em mãos, foi feita a proposta para que se apresentassem. O tempo de fala para cada uma foi medido pelo tempo gasto para enrolar o seu barbante no dedo. Depois que todas se apresentaram, nós perguntamos se o barbante foi suficiente para contar sua história. A partir da constatação coletiva de que o tempo foi insuficiente, mas que a história de cada uma tinha muitas coisas em comum, amarramos os pedaços de barbante usados na apresentação. E, por fim, para decorar esse varal de histórias, as participantes penduraram fotografias sobre a temática do cuidado de PCD levadas pela organização do Projeto Articuladas. Depois do varal montado, abrimos a oportunidade de qualquer uma fazer alterações no arranjo construído: nas amarrações, na ordem das fotografias, podendo tirar ou pôr imagens e novos trechos de fios. Terminada a montagem, fizemos o reconhecimento do arranjo construído, tentando observar a memória coletiva sobre o cuidado de PCD produzida por aquele grupo no território do CRAS Amanda.
- b) Na segunda dinâmica, fizemos um Círculo de Cultura composto por uma mística inicial, seguido da construção de um mapa mental sobre o cuidado do outro e o cuidado de si. Na literatura acadêmica, o cuidado ainda é um conceito polissêmico e novo. Muitas autoras o definem como um tipo de trabalho, outras como uma atividade social reprodutiva, outras como função social da família. Para conhecer os traços principais que caracterizam o

⁵ Essa ação foi realizada em parceria com a professora Tatiana Slonczewski, coordenadora do Projeto Girassóis que também estava atuando no mesmo equipamento público.

cuidado de pessoas com deficiência, organizamos esse Círculo de Cultura, que buscava compreender a atividade de *care*, de modo dialógico e colaborativo, junto às famílias do CRAS do Jardim Amanda. Iniciamos com uma mística, através da declamação de duas poesias. Ao final de cada uma, abrimos uma roda de conversa para que as participantes emitissem suas opiniões e sentimentos despertados pelas poesias. Depois o grupo construiu um mapa mental com as palavras-chave que definissem a rotina e a experiência do cuidado de seu familiar com deficiência. Essa etapa da investigação vocabular e tematização foi construída ao redor de dois termos que já estavam anotados na cartolina: cuidado do outro e cuidado de si. Depois, para finalizar com uma problematização, recortamos as palavras do mapa mental e colamos em um painel (Kraft) em que havia o desenho de uma árvore, com copa, tronco e raízes. Conforme elas foram escolhendo o local para colar os termos, observamos os significados atribuídos para o que está no alto para ser visto, o que é estrutural como o tronco e o que é íntimo e substrato para as atividades de cuidado acontecerem.

Assim, após a apresentação da metodologia, discutiremos alguns resultados obtidos a partir de nossa observação participante e dados de pesquisa extensionista levantados nessas duas dinâmicas acima descritas.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

As atividades de cuidado, se por um lado podem ser definidas como um trabalho que envolve o dispêndio de energias físicas e emocionais como qualquer labor, por outro, têm a especificidade de conter uma carga emocional muito mais evidente do que outras práticas laborativas. Esse elemento emocional ganha absoluta centralidade nas experiências que vem sendo relatadas pelas mulheres responsáveis pelo cuidado familiar de PCD, as quais participam do Projeto Articuladas no município de Hortolândia, na Região Metropolitana de Campinas (RMC).

Em umas das dinâmicas descritas acima, realizada após dois anos de isolamento das famílias em função da pandemia do Covid-19, as emoções estavam à flor da pele. Na roda de apresentação, em meio às experiências de reciprocidades e alteridades, a comoção era tanta que algumas cuidadoras, mães, irmãs e avós de PCD, precisaram interromper sua apresentação por causa do choro, enquanto outras evitaram começar a falar para se prevenirem.

Nos discursos, era possível observar que, apesar da diversidade de deficiências com que cada uma lidava, havia muitos fatores em comum. Frases como “as pessoas aqui sabem como é”,

apareceram algumas vezes. O abandono e o “fardo” de lidar com as situações desafiadoras do cuidado também era recorrente nos relatos.

Ao final da primeira etapa da atividade, todas chegaram à conclusão de que os fios de barbante os quais tinham cortado, eram pequenos para expressar o tamanho e a densidade de suas experiências. Assim, diante desse consenso construído após a rodada de apresentações, as facilitadoras da dinâmica sugeriram que os barbantes fossem amarrados para deixar o fio maior.

Na segunda etapa, cada pessoa podia escolher as imagens sobre “cuidado” que levamos impressas e pendurar no barbante já amarrado. Uma curiosidade foi que elas tentaram manter o varal suspenso, sustentando pelas mãos de todas que estavam na roda. O varal não foi colocado no chão, houve um revezamento para poder largar o fio e ir até à mesa pegar as fotografias. Elas mantiveram o varal rente ao corpo e penduraram as fotografias de costas para si mesmas, de tal modo que, ao longo de toda a dinâmica, elas não tinham uma visão frontal de todo o varal. Depois que todas escolheram, cada uma podia contar por que escolheu aquela imagem. Desse modo, os elementos emocionais represados durante a pandemia emergiram com muita intensidade.

Figura 1 – Reconstrução de memória coletiva do cuidado de PCD



Fonte: Grupo PCD do CRAS Jardim Amanda, Hortolândia, 2022.

Algumas fotos não foram escolhidas e permaneceram na mesa. Uma parte escolheu fotos que representavam momentos de dor e crise, outras escolheram representações mais positivas, como uma barriga de grávida ou pezinhos de bebê. Uma criança sem deficiência presente escolheu uma foto com várias gerações de mulheres, dizendo que representava uma família.

Outro fato significativo foi a presença de um único homem em meio a todas as cuidadoras. Ele foi cuidador da mãe idosa, que ficou acamada por muitos meses em um hospital. A fala desse rapaz foi muito forte e reveladora, pois ele repetia com frequência a ideia de que teria ficado “fora da civilização” enquanto estava cuidando da mãe. Ele também afirmou que adquiriu uma deficiência depois de tanto cuidar sozinho.

Assim, seu relato denuncia o desgaste físico e emocional da atividade de cuidado sem redes sociais de proteção ao cuidador/a. Dito de outro modo, seu relato deixou evidente não só a urgência da questão da socialização e corresponsabilidade no cuidado de PcD, como explicitou o sofrimento dos cuidadores e cuidadoras causado pelo isolamento e perda de vínculos sociais nas situações em que as atividades de *care* acontecem sem o respaldo de outros atores do cuidado, como o Estado, o mercado, a comunidade ou organizações filantrópicas e do Terceiro Setor.

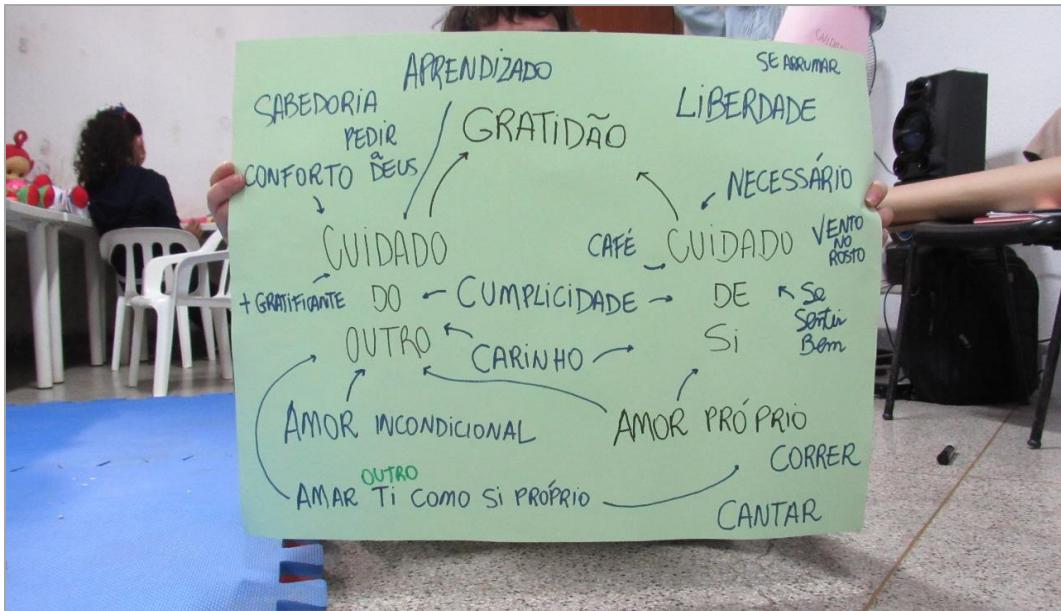
Na segunda dinâmica, descrita na Metodologia deste relato reflexivo acerca da experiência extensionista, o elemento emocional do *care* também esteve presente. Conforme tratado anteriormente, no encontro realizou-se um Círculo de Cultura com o objetivo de compreender a percepção que as participantes tinham acerca da interação entre o cuidado do outro e o cuidado de si.

No início desse encontro, a equipe do Projeto Articuladas coletou algumas informações sobre o grupo de cuidadoras familiares de PcD por meio de um questionário. Observou-se que, em sua maioria, as mulheres tinham parentesco próximo (mães ou avós) das PcD. Ainda que tímidas, nesse primeiro contato, algumas se abriram um pouco mais e anunciaram vários temas que viriam a se repetir na construção do mapa mental construído coletivamente ao longo da dinâmica: o cuidado com as plantas que tinham no quintal, a relação amorosa que tinham com seus animais domésticos, o carinho que recebiam dos filhos/netos, ao se preocuparem em saber quando elas saíam, com quem e aonde iam e, principalmente, por gostarem de abraçá-las e dizer “eu te amo” a todo momento.

Logo em seguida a essa pequena pesquisa, foi iniciada a ação através da declamação de duas poesias voltadas para o cuidado e autocuidado por uma das extensionistas. Após a declamação, quase que automaticamente, as participantes foram atribuindo significado aos versos dos poemas através da descrição de suas rotinas pessoais, marcadas tanto pela responsabilidade do trabalho de cuidado, quanto pela necessidade de cuidar de si para poder desempenhar essas suas funções de cuidadoras de PcD.

Depois dessa mística inicial começar, a investigação vocabular que consiste em dizer palavras ou frases que remetesse ao “cuidado do outro” e ao “cuidado de si”. Nesse momento, surgiram mais palavras para o “cuidado do outro” que “cuidado de si”, embora muitas delas dissessem que a mesma definição valia para as duas situações.

Figura 2 – Resultado Círculo de Cultura



Fonte: Grupo PCD do CRAS Jardim Amanda, Hortolândia, 27/05/2022.

"Gratidão", "cumplicidade", "carinho", "amor" e a oração "amar a ti (ao outro) como a si próprio" foram expressões surgidas dessa investigação vocabular. Destaca-se no "cuidado do outro" a sentença "mais gratificante", "amor incondicional", "aprendizado", "conforto".

Nesse sentido, a dinâmica descrita acima revela que para as mulheres cuidadoras e familiares de PCD, o *care* é simultaneamente prática/labor e atitude/afeto ou disposição moral. Ou seja, conforme a literatura acadêmica aponta, as atividades de *care*, sobretudo o cuidado familiar de pessoas com vulnerabilidades, envolvem uma carga emocional grande.

Quando o cuidador vive uma experiência de isolamento ou perda de vínculos sociais e comunitários, seja por conta de eventos sanitários como a pandemia da COVID-19, seja pela desigualdade de classe / raça / sexo, esse elemento emocional se traduz como sofrimento e exclusão social. Em sentido inverso, quanto mais acolhido em redes de proteção e de corresponsabilidade a cuidadora ou cuidador estiver, mais chance o sujeito terá de sentir e expressar as suas emoções inerentes ao cuidado como algo positivo e humanizador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos nós, em diversos momentos da vida, necessitamos de cuidados, seja na infância, na vida adulta ou na velhice, mas há pessoas e situações que demandam cuidado redobrado, por tempo prolongado. Pessoas com deficiência (PCD), por exemplo, podem precisar de uma maior atenção para que sua segurança e bem-estar sejam garantidos. A falta do reconhecimento do cuidado como um

direito social acaba deixando a responsabilidade recair sobre os familiares. Como a divisão de papéis e responsabilidades dentro das famílias ainda é muito mal distribuída entre homens e mulheres, são, em geral, elas as responsáveis pelo cuidado de PcD, o que as deixam muito sobrecarregadas.

Essa distribuição desigual da responsabilidade do cuidar pode estar mudando. O cuidado vem sendo reconhecido como um direito em vários países e tratados internacionais, como aconteceu recentemente na Argentina, onde as mulheres podem declarar o trabalho de cuidado para o recolhimento de suas aposentadorias. É somente através de políticas sociais que se pode alcançar direitos aos cuidadores:

Então, para a concretização do direito ao cuidado é fundamental garantir em diferentes etapas e circunstância da vida o direito a receber cuidados sem estar atrelado a lógica de mercado, renda, presença de redes ou de laços afetivos; garantir o direito de escolha por parte da família se o cuidado acontece ou não, nos limites do âmbito familiar não remunerado, para eleger alternativas de cuidado que não se restrinja as mulheres e; as condições de trabalho no setor de cuidado balizados pela valorização social e econômica pertinente a tarefa de cuidar. (WIESE; PRÁ; MIOTO, 2017, p.10).

Há diversos recursos que poderiam ser validados, como a seguridade social, melhorando a vida das famílias e dos cuidadores, porém não estão incluídos nas políticas sociais. O modelo atual de cidadania da nossa sociedade não tem incluído cuidados necessários para cuidarmos e sermos cuidados.

O Estado, representado pelos governos municipais, estaduais e federais, também deve ser pensado como um responsável pelos cuidados da população e auxílio ao cuidador, oferecendo acesso de qualidade para cuidadores aos direitos à cidadania.

Todo aquele que, de alguma forma, cuida de alguém, tem a necessidade de ter cuidados psicológicos, na saúde, no lazer, ser ingressado no mercado de trabalho e estudar, dividindo a sobrecarga e tendo seus direitos garantidos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carine Coelho. **Resultado Círculo de Cultura.** Grupo PcD do CRAS Jardim Amanda, Hortolândia. Fotografia 02, 2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol. 7^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 93 p. (O Mundo, Hoje, v. 24).

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária: para quê?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A3ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf Acesso em: 14 abr. 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho.** Cadernos de Pesquisa, on-line, São Paulo, v.37, n.132, p. 595-609, set-dez, 2007. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2022. ISSN 0100-1574.

ONU MULHERES / CEPAL. Cuidados na América Latina e no Caribe em tempos de COVID-19: em direção a sistemas integrais para fortalecer a resposta e a recuperação. Ago. de 2020.

QUEIROZ, Christina. Economia do cuidado. **Revista Pesquisa FAPESP**, jan. 2021. Ed. 299. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/economia-do-cuidado/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

SANTOS, Adriele. **Reconstrução de memória coletiva do cuidado de PcDs.** Grupo PcD do CRAS Jardim Amanda, Hortolândia. Fotografia 01, 2022.

SIMÕES, Julian. Cuidado e Cuidadoras - as várias faces do trabalho do care. **Revista Scielo**, Cadernos Pagu, 45, p. 577-585, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201500450577>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/966dPrvfKfGCX6MZBLKYc9j/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2022. Resenha da obra de: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. Cuidado e Cuidadoras – As Várias Faces do Trabalho do Care. 2012. Editora Atlas S.A.São Paulo.

WIESEL, Michelly Laurita; PRÁ, Keli Regina Dal; MIOTO, Regina Célia Tamaso. O cuidado como direito social e como questão de política pública. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. **Anais Eletrônicos**. 2017, Florianópolis.